

ESTILOS PARENTAIS E REGULAÇÃO EMOCIONAL: IMPACTOS NA COMUNICAÇÃO E NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS INFANTIS

Moryah Souza Saadi Zacchê¹
Yago Ludtke Soares²

RESUMO O presente estudo aborda a relação entre os estilos parentais e a regulação emocional infantil, com foco nos impactos dessa dinâmica sobre a comunicação e as relações interpessoais de crianças e adolescentes. O problema de pesquisa buscou compreender de que maneira diferentes estilos parentais influenciam a capacidade das crianças de reconhecer, expressar e regular emoções, refletindo em seus comportamentos sociais e vínculos interpessoais. O objetivo foi analisar como práticas parentais autoritativas, autoritárias, permissivas e negligentes interferem no desenvolvimento socioemocional infantil. A pesquisa foi desenvolvida por meio de abordagem qualitativa, descritiva e bibliográfica, fundamentada em artigos científicos publicados entre 2015 e 2025, localizados em bases como Google Acadêmico, além de referências clássicas utilizadas para aprofundamento conceitual. Os resultados evidenciaram que práticas parentais baseadas em afeto, diálogo, monitoramento positivo e estabelecimento equilibrado de limites favorecem a regulação emocional, a empatia, a autonomia e relações interpessoais mais saudáveis. Em contrapartida, estilos autoritários, permissivos e negligentes mostraram associação com dificuldades emocionais, comportamentos agressivos, insegurança, baixa tolerância à frustração e prejuízos na socialização. Conclui-se que a família exerce papel fundamental na formação emocional da criança e que intervenções voltadas à orientação parental podem contribuir significativamente para o desenvolvimento socioemocional saudável e para a promoção de relações interpessoais mais equilibradas.

Palavras-chave: Estilos parentais. Regulação emocional. Parentalidade. Psicologia Infanto-Juvenil.

Abstract: This study addresses the relationship between parenting styles and children's emotional regulation, focusing on the impacts of this dynamic on communication and interpersonal relationships among children and adolescents. The research problem sought to understand how different parenting styles influence children's ability to recognize, express, and regulate emotions, reflecting on their social behaviors and interpersonal bonds. The objective was to analyze how authoritative, authoritarian, permissive, and neglectful parenting practices interfere with socioemotional development in childhood. The study was conducted through a qualitative, descriptive, and bibliographic approach, based on scientific articles published between 2015 and 2025, retrieved from databases such as Google Scholar, in addition to classical references used for conceptual deepening. The results showed that parenting practices grounded in affection, dialogue, positive monitoring, and balanced limit-setting foster emotional regulation, empathy, autonomy, and healthier interpersonal relationships. Conversely, authoritarian, permissive, and neglectful styles were associated with emotional difficulties, aggressive behaviors, insecurity, low frustration tolerance, and impairments in socialization. It is concluded that the family plays a fundamental role in

the child's emotional development and that interventions aimed at parental guidance can significantly contribute to healthy socioemotional growth and the promotion of more balanced interpersonal relationships.

Keywords: Parenting styles. Emotional regulation. Parenting. Child and Adolescent Psychology.

1. INTRODUÇÃO

As emoções estão presentes desde os primeiros momentos de vida e exercem papel fundamental na construção da experiência humana. Elas auxiliam na adaptação aos desafios cotidianos, influenciam a tomada de decisões e contribuem para o estabelecimento de vínculos sociais e para o bem-estar individual (Santana; Gondim, 2016; Silva; Costa; Abreu, 2024). No contexto do desenvolvimento infantil, a forma como as crianças aprendem a reconhecer, expressar e regular suas emoções está diretamente relacionada às experiências vividas no ambiente familiar, especialmente às práticas parentais adotadas pelos cuidadores.

A base da vida humana se constitui na formação de relações. Por meio delas experimentamos sentimentos e vivenciamos seus efeitos. A forma como os pais estabelecem essas relações influenciam na forma como os filhos percebem o mundo, em questões como segurança, intimidade e pertencimento, evidenciadas quando se expressam, e realizando a regulação de suas próprias emoções (Pinto, 2014).

Diante disso, o presente estudo tem como objeto de investigação a relação entre os estilos parentais e a regulação emocional infantil, com foco nos impactos dessa dinâmica sobre a comunicação e as relações interpessoais na infância. O problema central que orienta esta pesquisa é: como diferentes estilos parentais influenciam a regulação emocional de crianças e, conseqüentemente, afetam sua comunicação e a qualidade das relações interpessoais na infância?

A escolha do tema se justifica pela crescente necessidade de compreender os fatores que contribuem para o desenvolvimento emocional saudável das crianças, especialmente em um contexto social marcado por mudanças rápidas, pressões econômicas e desafios familiares. Estudos recentes apontam que dificuldades na regulação emocional estão associadas a quadros de ansiedade, problemas de

comportamento e prejuízos na socialização, impactando diretamente o desempenho escolar e a qualidade das interações sociais. Além disso, eventos como a pandemia de COVID-19 alteraram significativamente as práticas parentais, evidenciando a importância de investigar como essas mudanças afetam o desenvolvimento infantil (Altafim; Linhares, 2022). Compreender essa relação é essencial para promover intervenções mais eficazes, fortalecer os vínculos familiares e favorecer ambientes mais saudáveis para o crescimento emocional das crianças.

2. MÉTODO

Este estudo foi conduzido com base em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, utilizando o procedimento técnico de pesquisa bibliográfica. De acordo com Severino (2020, p. 148), "[...] a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc", sendo adequada para estudos que visam compreender fenômenos a partir de contribuições teóricas existentes.

Teve como foco os artigos científicos que abordam as relações parentais e a regulação emocional na infância e adolescência. A busca pelos artigos foi realizada em portais de periódicos científicos como Google Acadêmico, utilizando os descritores: regulação emocional e estilos parentais. Os critérios de inclusão adotados foram as publicações entre os anos de 2015 e 2025, em textos disponíveis em língua portuguesa e documentos completos e acessíveis para leitura integral.

Além dos artigos publicados entre 2015 e 2025, foram utilizados textos clássicos fora do período delimitado que contribuíram para a fundamentação conceitual, como Bolsoni-Silva e Carrara (2010); Carvalho e Gomide (2005); Cruvinel e Boruchovitch (2010); Macarini et al. (2010); Paula (2012); Pinto, Carvalho e Sá (2014); Tenório (2012); Weber et al. (2004); Weber, Saldanha e Bianchin (2004).

A população-alvo do estudo são crianças e adolescentes conforme descrito nas fontes selecionadas. A amostra foi composta por artigos científicos que abordam essas etapas da vida e que tratam diretamente das relações parentais e da regulação emocional.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Emoção, regulação emocional, inteligência emocional

Assim que a primeira lufada de ar acontece as emoções se fazem presentes e desempenham um papel fundamental na construção da experiência humana. Ajudam a lidar com os desafios do dia a dia, a tomar decisões mais adequadas e nos ajudam a manter relações saudáveis com as pessoas ao nosso redor exercendo influência direta na manutenção dos vínculos e na promoção do bem-estar individual (Santana; Gondim, 2016).

Operando como um sinalizador de mudanças pessoais e ambientais, a emoção age como um sistema de alerta que molda e aprimora o pensamento de acordo com as situações vividas. Pinto, Carvalho e Sá (2014) afirmam que “todas as nossas experiências envolvem emoções e todas as nossas emoções decorrerão das nossas experiências” (Pinto; Carvalho; Sá, p. 387).

Presentes desde o nascimento, as emoções primárias, inatas e fisiológicas como alegria, tristeza, medo, surpresa, desprezo, nojo e raiva atuam atendendo as necessidades sujeito. Ao se relacionarem com o meio social, durante o desenvolvimento, novas emoções são acrescentadas como orgulho, ciúme e culpa, através de estímulos vivenciados nas relações humanas. Para que haja crescimento emocional e intelectual é necessário que o indivíduo esteja aberto as vivências, tolerando suas reações emocionais e aceitando-as mesmo quando forem desagradáveis (Damásio, 2000 *apud* Silva; Costa; Abreu, 2024).

Segundo Toni e Pazzetto (2019) a família tem forte influência na incorporação das habilidades sociais, como também as contingências criadas para facilitar o desenvolvimento cognitivo e comportamental, o que se relaciona com Silva et al.(2025) e Carvalho e Gomide (2005) que afirmam que é no contexto familiar que são transmitidos os valores, as regras e as crenças aos filhos para sua inserção na sociedade.

Observando um ambiente onde há suporte, diálogo e compreensão dos pais para com os filhos, nota-se uma capacidade de permitir que estes expressem suas emoções e a partir dessa expressão se regulem de forma saudável, isso porque essas

habilidades estão ligadas a aspectos como bom desempenho na escola, mais autonomia, capacidade de cooperar, responsabilidade, autoestima e relações mais saudáveis com outras pessoas.

Por outro ponto, vemos que quando as emoções dos filhos são inibidas ou controladas, sendo contidas pelos pais os quais exercem comportamentos superprotetores ou negligentes, as crianças não experimentam as emoções da forma como aparecem e acabam tendo dificuldades nas estratégias de regulação emocional, sendo frequente um desajuste frente as várias situações cotidianas. (Pinto,2014)

Ao falar de emoção e desenvolvimento emocional o caminho a ser seguido leva de forma automática a falar de um conceito intrínseco a própria emoção, o conceito de regulação emocional. Segundo Silva, Costa e Abreu (2024) "a regulação emocional abrange o conjunto de processos através dos quais o indivíduo modifica a sua emoção" (Silva; Costa; Abreu, 2024, p.3), podendo aumentar ou atenuar as emoções, positivas ou negativas, variando de acordo com o ambiente social que o indivíduo se encontra para se adaptar da melhor maneira possível a situação apresentada.

Santana e Gondim (2016) definem regulação emocional como sendo o processo pelo qual acontece a compreensão, o equilíbrio e a decisão de qual emoção sentir e expressar. Silva, Costa e Abreu (2024) reiteram que a regulação emocional ainda tem o poder de modificar o tipo, a intensidade e a duração de uma emoção, como também afetar um ou mais componentes, como a expressividade por exemplo.

A regulação emocional, entendida como a capacidade de compreender, modular e expressar emoções de maneira adequada ao contexto, é uma habilidade essencial para o ajustamento social e emocional da criança (Santana; Gondim, 2016). Essa competência é desenvolvida, em grande parte, por meio das interações com os pais, que atuam como modelos e guias no processo de socialização emocional.

Regular a emoção de forma consciente demanda autoconhecimento suficiente para monitorar, modificar e avaliar o próprio estado emocional e se engajar em algum pensamento, comportamento ou ação para lidar com isso, levando em conta os fatores ambientais que o cercam, criando ou escolhendo ambientes mais favoráveis as características pessoais, para garantir que a experiencia momentânea seja

minimamente satisfatória (Santana; Gondim, 2016; Kusiak; Mello; Andretta, 2019; Silva; Costa; Abreu, 2024). Paula (2012) refere que esse comportamento de ajustamento é classificado como inteligência emocional (IE). Para Silva, Costa e Abreu (2024) “[...] a inteligência emocional deve estar relacionada a capacidades emocionais ou mentais mais elevadas” (Silva; Costa; Abreu, 2024, p. 2).

Deve-se salientar que para que o desenvolvimento emocional e até mesmo o intelectual é preciso um controle reflexivo que exija abertura para sentimentos, sendo necessário aceitar e tolerar quão agradáveis ou desagradáveis sejam, as reações emocionais quando essas acontecerem (Silva; Costa; Abreu, 2024)

3.2. Habilidades sociais

As habilidades sociais de acordo com Bolsoni-Silva e Carrara (2010) podem ser entendidas como um conjunto de aprendizagens adquiridas que foram consolidadas na prática cultural e transmitidas, como forma de aumentar as chances de resolver problemas cotidianos sem prejudicar outras pessoas, visando seu bem estar atual e futuro. Para Ambrós et al. (2023) elas fazem parte do repertório do indivíduo e promovem relacionamentos produtivos com outras pessoas, variando de acordo com as situações sociais e a cultura, sendo utilizadas pelo indivíduo diante vivências interpessoais e podem ser caracterizadas como assertividade, habilidades de comunicação, resolução de problemas e cooperação.

O comportamento moral funciona como um fator que ajuda a reduzir a probabilidade de desenvolvimento de comportamentos considerados disruptivos, já que está relacionado à aprendizagem de valores como justiça, respeito, solidariedade e consideração pelo outro. Porém, a forma como os pais transmitem esses valores pode ser contraditória, o que faz com que os filhos percebam de maneira confusa o que é certo ou errado. Assim, mesmo quando existe a intenção de ensinar um bom comportamento moral, essa inconsistência na forma de ensinar pode interferir na forma como a criança compreende e desenvolve esses valores (Carvalho; Gomide, 2005).

Pode ser encontrada no âmbito acadêmico como comportamento socialmente habilidoso (ou não habilidoso), ou repertório socialmente habilidoso (ou inábil), numa perspectiva ético-moral “[...] como forma de ‘rotular’, de ‘designar’, de ‘nomear’, de

‘adjetivar’, de ‘qualificar’ comportamentos que sejam ou não compatíveis com as funções sociais aceitas dentro das ‘normas’, ‘regras’ do nosso grupo social” (Bolsoni-Silva; Carrara, 2010, p. 343).

3.3. Família, parentalidade, estilos parentais

Cia, Pamplin e Del Prette (2021) afirmam que o ambiente familiar é reconhecido como o primeiro contexto de socialização e o alicerce fundamental para a aquisição de habilidades sociais e padrões de relacionamento, já que o aprendizado dessas habilidades começa na família durante a infância e se amplia para outros contextos, como a escola e a comunidade. A literatura apresenta mais de uma evidência de que as características culturais também são variáveis importantes, uma vez que há transmissão intergeracional, e que o contexto social gera uma influência considerável (Weber; Saldanha; Bianchin, 2004; Cruvinel; Boruchovitch, 2010).

Autores concordam que a parentalidade pode ser descrita como sendo o processo pelo qual os cuidadores ajudam a criança a aprender, lidar com as emoções, desenvolver valores e se relacionar com outras pessoas, através da transmissão de crenças, percepções, expectativas, atitudes, conhecimentos, ideias e comportamentos que ajudam as crianças no seu processo de crescimento e desenvolvimento (Altafim; Linhares, 2022; Alves; Martins, 2021; Macarini et al., 2010). Tudo isso contribui para que ela compreenda e interaja melhor com o mundo ao seu redor.

A parentalidade pode ser considerada positiva quando os cuidadores ajudam a criança a se desenvolver incentivando a explorar estímulos do ambiente, por meio de afetos e demonstração de modelos, criando oportunidades de aprendizado dentro da própria família, e pode ser considerada negativa quando marcada por práticas disciplinares duras, como punições, coerção e violência (Altafim; Linhares, 2022). Segundo Carvalho e Gomide (2005) o conjunto dessas práticas é denominado estilo parental, e pode desenvolver comportamentos sociais vistos como bons e ruins.

As práticas parentais podem ser modificadas por meio dos programas de intervenção parental, que podem ser indicados como uma das estratégias de prevenção universal de violência e maus tratos a crianças e adolescentes, podendo ser ajustado ao contexto histórico e cultural em diversos lugares do mundo. Treinar apenas um dos

pais já melhora o desenvolvimento dos filhos, e tanto pai quanto mãe são importantes. Intervenções com pais trazem resultados positivos: uma vez por semana melhora habilidades sociais; duas vezes por semana reduz problemas de comportamento. (Altafim; Pedro; Linhares, 2016)

Para Darling e Steinberg (1993 *apud* Weber; Saldanha; Bianchin, 2004), os estilos parentais representam o conjunto de atitudes que cria o clima emocional da interação entre pais e filhos. Esse clima inclui o tom de voz, a linguagem corporal e as próprias práticas parentais. De forma semelhante, em suas pesquisas Weber, Saldanha e Bianchin (2004) definem os estilos parentais como as "manifestações dos pais em direção a seus filhos que caracterizam a natureza da interação entre esses" (Reppold e cols., 2002, p. 23 *apud* Weber; Saldanha; Bianchin, 2004, p. 324).

Inicialmente, Baumrind (1966 *apud* Lawrenz et al., 2020) classificou três estilos parentais: autoritativo, autoritário e indulgente. Mais tarde, Maccoby e Martin (1983 *apud* Lawrenz et al., 2020) reformularam este modelo e incluíram um quarto estilo, o negligente. Os estilos são diferenciados por duas medidas principais: a responsividade (apoio emocional e comunicação) e a exigência (controle por meio de regras e limites). Segundo Lawrenz et al. (2020), a combinação dos valores, crenças dos pais e o temperamento do filho é que define o estilo parental.

A combinação do afeto e envolvimento emocional com a disciplina e o estabelecimento de regras define os quatro estilos principais. Os pais que oferecem muito afeto e muita disciplina são classificados como autoritativos. Por outro lado, pais com muito afeto, mas pouca disciplina, são chamados indulgentes ou permissivos. Já aqueles com pouco afeto e pouca disciplina são considerados negligentes. O estilo autoritário é o oposto: pais com muita disciplina, mas pouco afeto (Lawrenz et al., 2020). Reconhecido mundialmente como ferramenta, o ACT- Raising Safe Kids possibilita a identificação de comportamentos e a reflexão, favorecendo a mudança por meio do desenvolvimento das competências, e com isso produzindo um ambiente seguro e saudável para o desenvolvimento infantil.

O estilo autoritativo representa um equilíbrio entre carinho e limites, o que o torna eficaz (Paula, 2012). Pais com esse estilo encorajam a autonomia dos filhos e suas opiniões, usando o controle de forma clara e explicando as regras. Este estilo contribui

para que os filhos atinjam maior autonomia, confiança em si mesmos e senso de dever, além de estar menos associado a comportamentos de violência (Lawrenz et al., 2020).

Paula (2012) e Silva, Costa, Abreu, (2024) concordam quando afirmam que o estilo autoritário prioriza a obediência e o controle total dos filhos, esses pais são controladores e dão ordens diretas, mas são pouco afetuosos. Eles mantêm um nível baixo de comunicação, estabelecem regras duras, e o desrespeito a elas gera punição.

Baumrind (1966 *apud* Lawrenz et al., 2020), em sua classificação inicial, utilizou o termo permissivo ou indulgente para descrever esse estilo. A descrição é de pais que não impõem limites severos, baseando-se em uma atitude pouco exigente e muito afetiva. Maccoby e Martin (1983 *apud* Lawrenz et al., 2020), ao incluírem o aspecto da responsividade e exigência, categorizaram esses pais como indulgentes.

Já o estilo parental negligente é aquele em que os pais não cumprem seus deveres e, com o tempo, o envolvimento deles diminui muito. Segundo Maccoby e Martin (1983 *apud* Weber; Saldanha; Bianchin, 2004), o que resta é apenas um contato mínimo entre pais e filhos.

As relações entre pais e filhos são marcadas por responsabilidades fundamentais, como cuidar, educar e apoiar o desenvolvimento integral das crianças. A forma como os pais atuam influencia diretamente na construção da identidade e das habilidades socioemocionais dos filhos. Por outro lado, os próprios pais também apresentam dificuldades emocionais e pouco repertório em práticas como monitoramento, disciplina e acolhimento, muitas vezes porque também não tiveram esse suporte ou orientação sobre parentalidade. Comportamentos que fortalecem vínculos seguros e favorecem o amadurecimento emocional são essenciais para garantir uma experiência mais equilibrada. Além disso, os estilos parentais impactam não apenas o campo emocional, mas também em diversos aspectos da experiência humana, como o comportamento, a aprendizagem e as relações sociais (Carvalho; Gomide, 2005; Macarini et al., 2010; Silva et al., 2025; Kusiak; Mello; Andretta, 2019).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, os resultados das bases pesquisadas foram analisados inicialmente pela leitura dos títulos e resumos, o que

possibilitou descartar os trabalhos sem relação com o objetivo do estudo. Em seguida, os artigos considerados pertinentes passaram por uma triagem e uma leitura crítica inicial. A partir disso, foram listados e organizados, formando o conjunto de referências que sustenta este trabalho.

Autores (Ano)	Título	Objetivos	Principais contribuições
Altafim & Linhares (2022)	Programa de parentalidade: da evidência científica para a implementação em escala.	Discutir a implementação de programas de parentalidade baseados em evidências.	Aponta estratégias para ampliar programas em larga escala e destaca os principais desafios.
Altafim, Pedro & Linhares (2016)	Eficácia do programa ACT de criação de crianças seguras em um país em desenvolvimento.	Avaliar a eficácia do programa ACT em contexto brasileiro.	Demonstra redução de práticas violentas e a melhora da relação de pais e filhos.
Alves & Martins (2021)	Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: uma revisão.	Revisar estudos sobre parentalidade e desenvolvimento socioemocional.	Evidencia a influência das práticas parentais no desenvolvimento emocional.
Ambrós et al. (2023)	Relação parental, habilidades sociais de pais e crianças: revisão integrativa.	Revisar a relação entre habilidades sociais parentais e desenvolvimento infantil.	Mostra a relação entre práticas parentais positivas e habilidades sociais das crianças.
Bolsoni-Silva & Carrara (2010)	Habilidades sociais e análise do	Analisar conceitos de habilidades	Identifica convergências e

	comportamento.	sociais na análise do comportamento.	divergências conceituais.
Carvalho & Gomide (2005)	Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei.	Investigar práticas educativas em famílias de adolescentes infratores.	Aponta padrões parentais associados a comportamentos de risco.
Cia, Pamplin & Del Prette (2021)	Comunicação e participação pais-filhos.	Examinar relação entre comunicação parental e comportamento infantil.	Mostra que maior participação dos pais reduz problemas de comportamento.
Cruvinel & Boruchovitch (2010)	Regulação emocional: construção de instrumento.	Desenvolver e validar instrumento de regulação emocional.	Apresenta resultados iniciais e relevância para estudos futuros.
Kusiak, Mello & Andretta (2019)	Empatia e práticas parentais.	Discutir importância da empatia nas práticas parentais.	Destaca papel da empatia na qualidade da relação pais-filhos.
Lawrenz et al. (2020)	Estilos, práticas ou habilidades parentais.	Diferenciar conceitos relacionados à parentalidade.	Propõe distinções conceituais úteis para pesquisas e intervenções.
Macarini et al. (2010)	Práticas parentais: revisão da literatura brasileira.	Revisar estudos nacionais sobre práticas parentais.	Sistematiza achados e aponta lacunas de pesquisa.
Paula (2012)	Estilos parentais, inteligência emocional e enfant terrible.	Explorar relação entre estilos parentais e inteligência emocional.	Reflete sobre implicações dos estilos parentais no desenvolvimento.

Pinto, Carvalho & Sá (2014)	Estilos educativos parentais e regulação emocional.	Investigar estratégias de regulação emocional em crianças.	Mostra influência dos estilos parentais na elaboração emocional.
Santana & Gondim (2016)	Regulação emocional e bem-estar.	Analisar relação entre regulação emocional e bem-estar.	Evidencia impacto positivo da regulação emocional no bem-estar psicológico.
Severino (2020)	Metodologia do trabalho científico.	Orientar práticas de pesquisa acadêmica.	Fornecer fundamentos metodológicos para elaboração de trabalhos científicos.
Silva, Costa & Abreu (2024)	Estilos parentais e desenvolvimento emocional.	Revisão integrativa sobre estilos parentais.	Aponta relação entre estilos parentais e desenvolvimento emocional.
Silva et al. (2025)	Estilos parentais e desenvolvimento socioemocional.	Revisão da literatura sobre parentalidade.	Reforça importância dos estilos parentais no desenvolvimento socioemocional.
Tenório (2012)	Psicopatologias como distúrbios do self.	Construção teórica na abordagem gestáltica.	Propõe reflexão sobre psicopatologias e funções do self.
Toni & Pazzetto (2018)	Grupo de orientação a pais em clínica-escola.	Relatar experiência de grupo de orientação	Evidencia benefícios da orientação em

		parental.	contexto clínico-escolar.
Weber et al. (2004)	Identificação de estilos parentais.	Analisar estilos parentais sob perspectiva de pais e filhos.	Mostra divergências de percepção entre pais e filhos.
Weber, Saldanha & Bianchin (2004)	Estilos parentais: revisão teórica.	Revisar teoricamente estilos parentais.	Sistematiza conceitos e contribui para clareza terminológica.

Fonte: Dados de pesquisa em base de dados, 2025.

De acordo com Salvo, Silvaes, Toni (2005) o que define se os comportamentos dos filhos serão considerados socialmente aceitos ou não, são a frequência e a intensidade que as práticas dos pais acontecem. Para Macarini (et al., 2010) essas praticas perpassam mais do que apenas os comportamentos, envolvendo também valores e crenças familiares, que atuam como orientação para os pais no processo de socialização da criança. Durante a fase de desenvolvimento os filhos agem como uma espécie de esponja absorvendo os comportamentos dos pais, suas expressões emocionais e as atitudes que são direcionadas a eles, e com base nessas vivencias passam a enxergar e se encaixar no mundo.

Para Carvalho e Gomide (2005) o estilo parental pode ser entendido como o conjunto de atitudes, modelos e práticas educativas que os pais utilizam para educar e promover a socialização dos filhos. Esse estilo resulta da forma como essas práticas se organizam no dia a dia, sendo possível analisar tanto as práticas positivas, que favorecem comportamentos sociais considerados adequados, quanto as negativas, que estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos antissociais. Quando as práticas negativas se sobressaem às positivas, forma-se um índice de estilo parental negativo (IEP), indicando um ambiente familiar mais disfuncional e pouco saudável para a criança.

Pais com comportamentos agressivos e relacionamentos conflituosos geram um

ambiente familiar com muitas situações de adversidade, o que tende a apresentar nas crianças maiores problemas de comportamento. Já pais que se preocupam com a rotina dos filhos e se ocupam com os estudos e atividades de lazer junto a criança, ocasionam em crianças com desenvolvimentos mais saudáveis (Toni; Pazzetto, 2018)

Silva (et al., 2009) e Carvalho e Gomide (2005) convergem ao reforçar que a comunicação é fundamentalmente importante para o desenvolvimento de empatia, pois a partir dela somos capazes de prever o que podemos causar no outro e, com isso avaliar nossas ações e reações. Quando há ausência dos pais na vida dos filhos, seja no aspecto emocional, educativo ou no apoio do dia a dia, cria-se um contexto em que a criança não recebe a orientação e o suporte que precisa.

Essa falta pode gerar sentimentos de invalidação e fazer com que ela não aprenda a considerar o outro, seus sentimentos e necessidades. Com isso, a criança pode passar a expressar suas dificuldades por meio de comportamentos agressivos e disfuncionais, e esse padrão tende a se manter ao longo do desenvolvimento, aparecendo também na adolescência e na vida adulta em forma de atitudes mais violentas.

Segundo Carvalho e Gomide (2005) quando esse contato primário acontece de forma agressiva ou com baixa tendência acolhedora, a criança tende a reproduzir e tratar como normal esse padrão de comportamento nas suas relações. Evidenciam também que os pais tendem a culpabilizar o meio externo pelos comportamentos disruptivos dos filhos, mesmo sabendo que a dinâmica familiar tem certa influência, e reconhecendo que mudanças nas relações entre pais e filhos podem ajudar nesse processo, porém não realizam movimentos para mudar a situação, seja por não saberem como fazer isso ou por não buscarem orientação.

As influências dos estilos parentais estão diretamente associadas às psicopatologias, dentre elas Tenório (2012) afirma que os comportamentos autoritários podem gerar uma distorção da autoimagem de forma negativa, prevalecendo sentimentos de fragilidade, inferioridade e impotência em relação aos outros, relacionado com o Transtorno de Personalidade Esquiva. A instabilidade causada pelo estilo autoritário está diretamente relacionado com a disfunção emocional e com a formação de vínculos sociais adaptativos do indivíduo, interferindo na diferenciação do

certo e errado e, desenvolvendo valores morais distorcidos (Carvalho; Gomide, 2005; Silva; Costa; Abreu, 2025)

Além disso, situações de frustração e privação, quando não são acompanhadas de suporte emocional, fazem com que crianças e adolescentes, com poucas habilidades sociais, busquem atenção e afeto de maneira inadequada, muitas vezes por meio de comportamentos agressivos (Carvalho; Gomide, 2005) .

Já práticas permissivas por não estabelecerem limites e deixando sob responsabilidade da própria criança o controle dos comportamentos, podem distorcer a autoimagem de forma positiva, gerando atitudes egocêntricas, volúveis, exploradoras, superficial e com tons arrogantes e sem empatia, que são compatíveis com Transtorno da Personalidade Narcisista e com Transtorno de Personalidade Antissocial.

O comportamento antissocial pode ser entendido mais pelas situações e interações em que a criança está inserida do que como algo fixo dela, já que ele depende das contingências, ou seja, do que acontece no ambiente para que esse comportamento se desenvolva. Nesses cenários os pais podem achar de forma equivocada que os filhos se sentem amados por terem liberdade de fazer o que querem (Carvalho; Gomide, 2005; Silva; Costa; Abreu, 2025; Tenorio, 2012).

Alguns indivíduos desenvolvem formas de seduzir e manipular, numa necessidade invasiva de ser cuidado pelo outro, performando comportamentos pelo medo do abandono, pelo sentimento de vazio crônico e dependência do outro, compatíveis com os Transtornos da Personalidade Dependente ou da Personalidade Borderline, onde em casos extremos podem ocorrer a automutilação (Tenorio, 2012).

Carvalho e Gomide (2005) afirma que práticas como monitoria positiva e comportamento moral são consideradas positivas, enquanto negligência, monitoria negativa, disciplina relaxada, punição inconsistente e abuso físico são classificadas como práticas negativas, contribuindo para esse funcionamento familiar menos adequado.

Quando a punição é usada de forma inconsistente, dependendo mais do humor dos pais do que do comportamento da criança, ela não aprende exatamente o que é certo ou errado. Em vez disso, passa a observar e tentar “adivinhar” o estado emocional

dos pais para decidir como agir em cada momento. Assim, não se organiza pela adequação, mas pela leitura do humor de quem pune: se os pais estão bem, ela age de um jeito; se estão irritados, de outro; e quando há ignorância ou reações diferentes para o mesmo comportamento, isso gera ainda mais confusão. Com essa dificuldade de construir parâmetros claros para suas ações, tende a gerar comportamentos inadequados e a emoções confusas (Carvalho; Gomide, 2005).

Nesse sentido, um ambiente caloroso e receptivo contribui para o desenvolvimento emocional e com isso aumenta a capacidade de se colocar no lugar do outro, fazendo com que as praticas que mantem relação de carinho, incentivo, expressao das emoções, sejam as mais eficazes ja que promovem estrategias positivas para lidar com as adversidades (Silva; Costa; Abreu, 2024).

Kusiak, Mello e Andretta (2019) afirmam que quanto mais presentes os pais estiverem na vida dos filhos, melhor será o reconhecimento das necessidades e assim podem oferecer melhor suporte e incentivo a autonomia, e quanto maior o grau de empatia pelos sentimentos dos filhos melhor sera a interação entre eles, abrindo caminhos para que a criança aprenda e regule suas proprias emoções.

Ha um consenso entre estudiosos ao propor o estilo parental autoritativo como sendo o mais efetivo. Esse estilo é associado positivamente às características de uma personalidade emocionalmente estavel, ja que se posicionam de maneira racional e direcionada, mantendo dialogo e concatenando junto com a criança sobre o raciocinio e a forma de agir. Deixam claro sua posição de adultos sem restringir a criança, entendendo que essa possui interesses proprios, e focam no bem estar, não em consensos ou nos desejos da criança. Além disso, as praticas com enfase na afetividade e na comunicação tem ganhado espaço na sociedade (Alves; Martins, 2025; Carvalho; Gomide, 2005; Silva et al., 2025; Silva; Costa; Abreu, 2024; Pinto; Carvalho; Sá, 2025; Weber et al.,2004).

A forma como os pais reagem as emoções das criancas podem variar de acordo com a idade da criança e as peculiaridades da situação envolvida. Quando em idades menores as reações dos pais tendem a mostrar presença e conforto, reconhecimento das necessidades e compartilhamento de emoções com os filhos como alegria, tristeza e medo. Já em idades mais avançadas como a pré-escolar ou escolar, os pais tendem

a se movimentar de forma a trazer para a criança a identificação e reflexão dos sentimentos e emoções, além de buscar estratégias e técnicas adaptativas para lidar com isso (Pinto; Carvalho; Sá, 2025).

Silva, Costa e Abreu (2025) afirmam que a escola sabendo da intrínseca relação entre os estilos parentais e o desenvolvimento emocional das crianças, no intuito de orientação dos pais, pode confeccionar materiais impressos como cartilhas, desenvolver palestras, mini-cursos e reuniões de pais e mestres, e com isso promover intervenções com as famílias buscando uma melhor socialização parental e fortalecendo as relações família-escola-sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental observarmos a relação dos pais com os filhos, já que compete a eles ofertar as primeiras oportunidades de interação social. Diante disso, o estudo mostrou que a forma como isso ocorre reflete nos comportamentos futuros das crianças, e que os estilos parentais influenciam diretamente a regulação emocional infantil e, por consequência, a qualidade da comunicação e das relações interpessoais na infância.

Quando há cuidado, atenção e participação dos pais na educação, isso ajuda a prevenir e lidar melhor com alguns tipos de comportamentos. Alguns desses comportamentos são chamados de internalizantes, que aparecem mais “para dentro”, como quando a criança fica muito isolada, quieta, insegura ou com sentimentos de inferioridade, sendo comuns em casos de ansiedade e depressão. Outros são os externalizantes, que aparecem mais “para fora”, como agressividade, impulsividade, dificuldade em obedecer regras e apresentam comportamentos considerados disruptivos. Além disso, a forma como os pais se organizam para cuidar dos filhos também é importante, quando há parceria e acordo, isso ajuda no desenvolvimento da criança. Quando não há, pode trazer dificuldades para a família e para a criança (Pinto, 2014).

Observou-se que os objetivos propostos foram alcançados, pois através da revisão bibliográfica foi possível analisar de que forma diferentes estilos parentais

influenciam a regulação emocional de crianças e como isso afeta sua comunicação e as relações interpessoais. Através de análises, sínteses e comparações foi possível evidenciar como práticas autoritativas favorecem vínculos mais seguros e ajustados, enquanto práticas autoritárias, permissivas ou negligentes tendem a gerar dificuldades emocionais e comportamentais. A pesquisa permitiu compreender que a regulação emocional não é apenas um processo individual, mas se constrói no ambiente familiar por meio da presença, do diálogo e da afetividade, confirmando a relevância das práticas parentais na formação socioemocional das crianças.

Entre as aprendizagens destacam-se a importância da comunicação parental como facilitadora da empatia e da autonomia, bem como a observação de que práticas inconsistentes ou negligentes podem comprometer o desenvolvimento socioemocional da criança. Evidenciou-se também que o estilo autoritativo, por equilibrar afeto e disciplina, é o que mais contribui para relações interpessoais saudáveis e para a construção de uma personalidade emocionalmente estável.

Como contribuição, este trabalho reforça a necessidade de promover ambientes familiares saudáveis e de investir em programas de orientação parental que auxiliem cuidadores e familiares a equilibrar afeto e disciplina. Ao trazer reflexões teóricas e práticas, o estudo se insere no campo da Psicologia Infanto-Juvenil como subsídio para futuras intervenções e pesquisas, oferecendo elementos que podem apoiar tanto profissionais quanto famílias na busca por estratégias mais eficazes de cuidado e educação.

Em síntese, compreender a relação dos estilos parentais na regulação emocional infantil é essencial para enfrentar os desafios contemporâneos relacionados à saúde mental. Espera-se que este estudo incentive novas investigações e práticas que fortaleçam o papel da família como espaço de acolhimento, aprendizado e desenvolvimento integral, contribuindo para a formação de crianças mais seguras, empáticas e preparadas para lidar com as demandas da vida em sociedade.

6. REFERÊNCIAS

ALTAFIM, E. R. P.; LINHARES, M. B. M. **Programa de parentalidade: da evidência científica para a implementação em escala.** Rev. Bras. Aval., [S. l.], v. 11, n. 3, e111122, 2022.

ALTAFIM, E. R. P., PEDRO, M. E. A., & LINHARES, M. B. M. **Eficácia do programa ACT de criação de crianças seguras em um país em desenvolvimento.** Revisão de Serviços para Crianças e Jovens, 70, 315-323, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2016.09.038>. 2016

ALVES, J. S.; MARTINS, I. C. **Parentalidade e desenvolvimento socioemocional: uma revisão.** Rev. Ibero-Am. Human., Ciênc. Educ., São Paulo, v. 7, n. 8, p. 453–460, 2021.

AMBRÓS, T. M. B.; BITTENCOURT, I. G.; HODECKER, M.; MENEZES, M.; VIEIRA, M. L.; LOPES, F. M. **Relação parental, habilidades sociais de pais e crianças: revisão integrativa da literatura.** Revista da SPAGESP, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 96-109, 2023.

BOLSONI-SILVA, A. T.; CARRARA, K. **Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas.** Psicologia em revista, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, 2010.

CARVALHO, M. C. N.; GOMIDE, P.I.C. **Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei.** Estudos em psicologia, Campinas, 22(3), p. 263-275, 2005.

CIA, F.; PAMPLIN, R. C. O.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos.** Cont. Clín., v. 14, n. 1, p. 162–182, 2021.

CRUVINEL, M.; BORUCHOVITCH, E. **Regulação emocional: a construção de um instrumento e resultados iniciais.** Psicol. Estudo, Maringá, v. 15, n. 3, p. 537–545, 2010.

KUSIAK, G. S.; MELLO, L. T. N.; ANDRETTA, I. **Empatia e práticas parentais: a importância dos pais se colocarem no lugar dos filhos.** Alet., Canoas, v. 52, n. 2, p. 8–20, 2019.

LAWRENZ, P.; ZENI, L. C.; JURYARNOUD, T. C. et al. **Estilos, práticas ou habilidades parentais: como diferenciá-los?** Rev. Bras. Ter. Cog., v. 16, n. 1, p. 2–9, 2020.

MACARINI, S. M.; MARTINS, G. D. F.; MINETTO, M. F. J.; VIEIRA, M. L. **Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira.** Arq. Bras. Psicol., Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 119–134, 2010.

PAULA, J. M. P. **Estilos parentais, inteligência emocional e o enfant terrible – relações, implicações e reflexões.** Rev. Enferm. Ref., n. 8, p. 155–162, 2012.

PINTO, H. M.; CARVALHO, A. R.; SÁ, E. N. **Os estilos educativos parentais e a regulação emocional: estratégias de regulação e elaboração emocional das crianças em idade escolar.** Anál. Psic., Lisboa, v. 32, n. 4, p. 387–400, 2014.

SANTANA, V. S.; GONDIM, S. M. G. **Regulação emocional, bem-estar psicológico e bem-estar subjetivo.** Estud. Psicol., São Paulo, v. 21, n. 1, p. 58–68, 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

SILVA, M. G. F.; COSTA, L. B. S.; ABREU, E. L. **Estilos parentais e desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa da literatura.** CONEDU – Congr. Nac. Educ., [S. l.], 2024.

SILVA, V. G. A.; SUASSUNA, M. A. F. M.; BREU, H. M. B. F.; SILVA, B. E. D. **Estilos parentais e o desenvolvimento socioemocional: uma revisão da literatura.** Cont. Clín., Cajazeiras, v. 12, p. 1176–1191, 2025.

TENÓRIO, C. M. D. **As psicopatologias como distúrbios das funções do self: uma construção teórica na abordagem gestáltica.** Revista da Abordagem Gestáltica, v. 18, n. 2, p. 216–223, jul./dez. 2012.

TONI, C. G. S.; PAZZETTO, T. **Grupo de orientação a pais em clinica-escola de psicologia.** Revista PsicoFAE, Pluralidades em Saude Mental, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 69-86, 2018.

WEBER, L. N. D.; PRADO, P. M.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. **Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Curitiba, v. 17, n. 3, p. 323–331, 2004.

WEBER, L. N.; SALDANHA, S. C. W.; BIANCHIN, M. A. **Estilos parentais: revisão teórica.** Psicol. Arg., Curitiba, v. 22, n. 38, p. 75–80, 2004.